

Bell-Y

Capítulo I

Paraquedas

Chuva torrencial na madrugada de domingo, outono em 2075, uma névoa densa encobria as montanhas da serra do mar. George empurrava seu carro até o acostamento da rodovia, ouvindo dos que ali trafegavam, os mais intensos e delicados estímulos verbais que só os pecadores, abaixo do Equador, são capazes de proferir. Irritado, concentrou suas últimas energias, naquele declive, na tentativa de segurar o automóvel que há muito saíra do estado de inércia se lançando contra o poste "SOS" estrada.

Observador como é, reparou que sua pasta ficara no meio da pista com todos os documentos e ações, deixando-o confuso quanto à atitude a ser tomada diante daquele quadro infeliz; chuva, neblina, palavrões, ruídos, o carro batido e quebrado e a mala na pista.

Naquela hora desejou ao mundo toda sorte de sofrimento e angústia. Tarde demais, o "SOS" estrada jazia debaixo do carro e a mala recebia todo tipo de abraço sintético: desde os "Pirellis" até os "Goodyears". Os papéis... que desgraça! retornaram ao estado celulósico.

Seu pensamento despia todas as imagens desagradáveis daquele quadro na tentativa de compreender o motivo de tudo aquilo. Será que a conspiração do universo havia iniciado e esquecera-se de avisá-lo, pensava George.

Qual seria o verdadeiro motivo daquela sequência de catástrofes executada com tanto sincronismo.

O raciocínio individual dos humanos e suas respectivas atitudes colidiam com a pregação da ajuda mútua, tanta gente e nenhuma solidariedade.

George absorvido pelos pensamentos foi surpreendido por uma grande explosão provocada por um motorista que jogou acidentalmente sua bituca de cigarro acesa debaixo do seu carro justamente no epicentro do vazamento do combustível.

- Dr. Mesquita, anuncia o alto-falante do Hospital Santista.

- Dr. Mesquita, emergência, bisava o equipamento.

- Clarice, traga o paciente ao centro cirúrgico do terceiro andar que já estou me preparando, declara pelo Walkie-talkie o Dr. Mesquita à sua mais que assistente.

Clarice, 24, quintanista de medicina, morena, alta, de pernas esguias e torneadas por um excelente estilista genético, com seu avental, touca e luvas empurrava a cama móvel pelo corredor até a porta do elevador que dá acesso ao centro cirúrgico. Por mais que apertasse o botão de chamada do sobe/desce os segundos de espera pareciam horas.

George desfalecendo na maca murmurava e gemia de fortes dores no corpo principalmente na região facial. Clarice injetava no soro uma mistura de anestésico importado com um resto nacional na tentativa de reduzir o sofrimento do seu compulsório paciente.

No quinto andar a ascensorista, buscando atenção de um segurança e transgredindo sua função solidária narrava sua experiência noturna que passara no sábado com um rapaz no Baile do Forró.
- Inesquecível! Jamais conheci alguém assim.

Amanhã vou me encontrar novamente com ele e espero que seja tão bom quanto no sábado. A descrição nervosa do encontro oscilava entre a

responsabilidade de atender os chamados e a necessidade de sair do isolamento.

- Lídia tenho que ir, o chefe deve chegar a qualquer momento e não posso ficar aqui parado conversando com você. Se ele me pega... adeus emprego.

Clarice apertava desesperadamente o botão de chamada e Lídia mantinha a porta aberta no quinto andar para escutar a conversa do segurança com o chefe.

Foi então que Clarice resolveu esmurrar a porta do elevador na tentativa de chamar sua atenção. Quando o elevador se preparava para chegar ao segundo andar, local onde estava Clarice, a crise energética toma conta do hospital e uma escuridão negra invade todas as instalações exatamente quando Clarice se posicionava para colocar a maca móvel no elevador. Num impulso desconhecido e extremamente raivoso Clarice empurra a maca contra a porta e não se sabe como, está se abriu lançando George ao fundo do poço e ao final de sua trajetória terrestre.

Clarice, ouvindo o tremendo barulho provocado pela maca móvel, em queda livre, e seu conseqüente impacto no fim do poço, começou a tremer e a suar frio, mas..., ironicamente veio à mente a esperança do paciente ter sobrevivido. Clarice era experiente em quedas, como "hobby" fazia paraquedismo e já tinha visto muitas quedas piores que aquela. De imediato uma visão do seu instrutor ocupa espaço na sua mente cantarolando o refrão do hino ao paraquedismo:

"Um bom companheiro paraquedista,
dista do chão quando no ar,
mas quando o ar não o segura,
dura queda vai encontrar."

A lembrança do hino de certa forma a reconfortou e então decidiu, pela primeira vez, enfrentar o seu

problema aliado à responsabilidade médica de averiguar o estado de George lá bem no fundo. Inesperadamente cruzou as mãos às costas, ajeitou seu imaginário paraquedas e lançou-se no buraco negro. A sensação de leveza que jamais havia sentido tomou conta de seus sentimentos, toda angústia, medo, sofrimento e infelicidade que sempre a acompanhava como mágica desapareceram.

Durante a queda, sentiu a real sensação de liberdade e sua mente ejaculou pelo corpo cenas de imenso prazer e a partir daí compreendeu em analogia à espera do elevador que um segundo desta sensação vale mais que a vida em duração.

Capítulo II

Efeitos do ácido

Clarice se vê ao lado de George. Olha para si e de imediato compreende aquela sensação de paz indefinida e profunda, de tamanha leveza, que sua imagem como num holograma, se projeta de acordo com o seu desejo despertando em si uma nova dimensão da realidade.

- O que será isso - refletiu sua energia. Como num suspirar, uma série de imagens contínuas e logicamente dispostas se projetou novamente induzindo Clarice a entender o processo da vida após a morte. A sensação de leveza e de conforto, nunca em toda vida experimentada, deixava Clarice à mercê dos acontecimentos. Mais uma vez, lutava para entender aquela nova situação, onde as imagens revelavam o sofrimento dos que ainda vivos e prostrados velavam e ao mesmo tempo, como num comportamento humano-mecânico entristeciam o ambiente onde o corpo de Clarice era exposto em reverência ao masoquismo humano.

Nada daquilo fazia sentindo e como em toda sua vida nada fez sentido concluiu que o melhor para si e pela primeira vez, era seguir aquele desejo

insuportavelmente agrodoce até a revelação final. Sem hesitação desferiu um raciocínio puro em que a vida é uma mera interpretação holográfica presa a uma conduta comportamental inversamente proporcional ao sentimento.

Resumiu sabiamente que o que se quer e o que se deseja são a resultante do equilíbrio entre o que se pode e o que se é. Ser é o todo, ter é o lodo. Essa incoerência no pensamento de Clarice cada vez mais era evidente. Tentava fundamentar a teoria de Laquesse, nobre filósofo seu, que nunca existiu, mas que convivera com ela a vida toda, de que a vida era um fragmento do universo e que todos tinham um papel a cumprir, matando ou gerando, roubando ou doando.

Nesta fase compreendeu que o equilíbrio das forças não podia ser desigual e quando isto ocorria um Juiz natural desencadeava algo incompreensível restaurando os pesos na humilde balança. Lembrou-se do professor de física onde o equilíbrio dos corpos está na manutenção das forças ora positivas, negativas e nulas.

O féretro marcado para as nove horas corria com religiosidade humano-teatral em que alguns observadores discutiam a obviedade do evento sob o ponto de vista comportamental. Nada mais do que um ambiente triste com sequências preestabelecidas no âmbito emocional do ritual. Todos os que ali velavam tinham em mente o script sócio posicional que a cenografia ambiental lhes impunha. Representar naquele cenário era nato e dispensava ensaios.

O comportamento era igual e de tamanho adivinho que até as crianças mantinham atitudes perceptivas e coerentes com o mais maduro mortal. Clarice definitivamente energizou que o sentimento alheio ao cenário social é o verdadeiro pilar do humano. Edificou que a estrutura do ensinamento que obtivera jazia consigo e por um instante sentiu profunda angústia em ter vivido num mundo clássico

onde a irreverência dos sabidos era tão morta e descabida quanto o que estava sentindo.

De súbito a imagem da má vontade de ir à escola se socializar, se comprometer, se entregar, se estabelecer, se encontrar, se revelar, se prostituir intelectualmente desencadeou uma epopeia de argumentos revolucionários totalmente contraditórios aos preceitos senis e molambos que apregoava o mais nasal algodoeiro filósofo pentecostal.

De duas uma, ou o sistema se adapta à partícula ou ela desprende sua mais feroz energia resultando na mais excêntrica explosão. Toda confusão daqueles momentos, na clareza do espírito de Clarice, sinalizavam estar ela experimentando e se preparando para o ingresso em uma outra dimensão.

Toda base de conhecimento, sensações e experimentos colecionados por Clarice ao longo dos seus 24 anos foram organizados cronologicamente e projetados holo graficamente numa espécie de moldura gasosa e à medida que as cenas eram expostas, um intervalo negro era inserido entre elas dando a impressão à Clarice que tudo aquilo estava sendo apagado e excluído do seu domínio reduzindo significativamente sua quantidade de energia.

Um estranho sentimento de fraqueza dominou Clarice.

Toda imagem de uma vida foi exposta em poucos segundos e eliminada simultaneamente. Uma ruptura enorme do cenário se consolidou, trazendo Clarice definitivamente à outra dimensão. Nela a energia transitava entre os diversos campos ionizados destinados ao aprendizado quântico onde o desequilíbrio e o caos eram variáveis importantes no modelo da sustentação universal. A superficialidade e o profundo em uma verdadeira análise convergiam num único ponto, que tendia sempre a um imenso vazio.

Aprendendo

Clarice aprendia a conduzir esta análise, de forma a se assegurar que produzisse um desequilíbrio nas forças, penetrando em um novo campo de ensinamento. Desta forma conseguiu transitar, sorver e doar preciosos filamentos de energia que na troca se transformavam em novas holografias alternando as dimensões numa total desorganização e ausência de lógica. Dependendo de sua variação luminosa, a energia era aspirada e processada dentro do campo de ensinamento produzindo formas diversas de cores que se intensificavam à medida que o discípulo absorvesse um quantum de luz. Este processo se manifestava em todos os campos de ensinamento até que o mestre, fraquejado, fosse dominado pelo discípulo produzindo uma enorme explosão resultando na formação de um novo campo e no envio do antigo para outra dimensão.

Tudo naquele plano se transformava.

O novo aprendia e o velho era liberado para uma nova missão. A sensação de conforto e de identidade tomou conta do filamento de Clarice que agora desfrutava de um privilegiado lugar no cosmo, irradiando poderosos fechos de luz, atraindo a curiosidade dos novatos.

Paralelamente a todos estes acontecimentos estava George brilhando ao lado de Clarice e é claro que um não sabia do outro.

Capítulo III

Uma nova linguagem

Uma nova identidade foi assumida por Clarice já que nesta dimensão, o passado que era a vida jazia por completo e o futuro sem base nenhuma se constituía apenas em ser não humano, mas divinamente "star". Uma linguagem dimensional de

extrema lógica era o elo de comunicação entre as energias. A mágica era assumida sem contestação ou repulsa simplesmente acontecia.

A estrutura da linguagem era focada na dualidade das forças universais. Não havia força positiva sem a correspondente negativa.

Tudo era par, binário e conclusivo. O verbo possuía duas pessoas "I+" e "I-" e é claro, os seus respectivos plurais.

O tempo verbal era classificado em dois estados, Presente Energizado com o sinal positivo e o Negativo Presente adicionando-se um sinal negativo entre a pessoa e o verbo.

O filamento de George era ao mesmo tempo atraído e expelido pelo de Clarice mantendo-se neste estado de alta e baixa luminosidade de acordo com o fluxo e refluxo das forças dos dois campos. Utilizando-se da linguagem quântica George tentou sua primeira comunicação com Clarice que imediatamente entendeu e passou a responder às indagações do vizinho.

- Estou muito atraído por você. Disse George.
- Eu também. Respondeu Clarice.
- Você está anulando o meu desejo de liberdade. Afirmou Clarice.
- Aprendi que a verdadeira liberdade está em outra dimensão. Não dá para perceber que estamos presos um ao outro e que nossa liberdade depende da anulação das forças que nos cercam? Questiona George.
- Não sei ainda como fazer isso. Responde Clarice.
- É muito simples basta você atrair um novato, deixá-lo te consumir e aguardar a viagem para a dimensão que lhe falei. Explica George.
- Como posso atrair um novato se acabo de debutar aqui neste lugar? Indaga Clarice.
- Você ainda não percebeu que para se locomover nesta dimensão basta desejar algo ilógico que as

forças politicamente corretas passam por um estado de

desorganização tamanho, que o dispêndio de energia reguladora do campo é fortificado sendo atraído por outras medidas quânticas. Explica George entusiasmado.

- Parece simples, para quem acabou de chegar. -
Retruca Clarice - O difícil é desejar algo ilógico. Desde os primórdios de minha energia tudo o que aprendi foi estabelecer o desequilíbrio através da lógica e agora vem você me pedir para que faça o contrário.

- Exatamente. - Concorde George- Repare que esta dimensão em que estamos representa o "caos". É ele o responsável pela evolução cósmica. É o contestador

universal obrigando os outros estados quânticos a perder ou reforçar energias em busca do equilíbrio. A diminuição de um campo gera em contrapartida o aumento de outro, resultando simplesmente na locomoção. Nesta dimensão, a missão é se mover ao máximo extraíndo toda energia possível da confrontação entre o poder de uma partícula excitada e os diversos íons conformados. Aqui, o infinitamente pequeno pode tornar-se monstruosamente grande num piscar de luz. Tome cuidado, pois as diminuições das forças desorganizadoras nos remetem ao ciclo vital do qual emergimos.

- Me desculpe. Mas ainda não compreendi como retirar energia dos novatos, revela Clarice.

- Se você projetar o que restou daquele outro mundo holográfico - explica George -, com isto perderá energia, compreenderá que a evolução é cíclica e definida como a exploração dos novatos. Quando você se reintegrou de forma física, naquela outra passagem que nos dá a oportunidade de conhecer a dor somática entre a forma e o espírito (forma de energia deles), teve oportunidade de ser simplesmente. Mas o que realmente aconteceu foi uma experiência entre a ficção do desejo e a realidade das forças condutoras e organizadas daquele portal. Os novatos dirigidos, acreditando serem condutores, acabavam com o passar do tempo

conduzindo os debutantes a condutores. Nesta condução e direção dos novatos pelos velhos, jaz e nasce a raiz da mesmice humana.

A grande missão daquele portal é a construção de modelos vitais baseados no poder de posse e destruição, onde a ilusão da evolução está centrada na quantificação material conhecida como riqueza. Um disfarce fenomenal aceito pela espécie, é a anulação do instinto corpo-espiritual. A nulidade se qualifica com base na projeção material. Ter e não ser é a máxima daquele portal.

- Ah! Estou começando a entender. - Diz Clarice - Quer dizer então que lá é apenas uma passagem bestial e sem razão alguma.

- Isso mesmo. - Afirma George - No momento em que nossa locomoção no cosmo é lenta e a absorção nos campos de conhecimento é nula, ou seja, nossa força é reduzida ao "mícron", aquele portal é o único lugar do cosmo que nos recebe e nos configura através da ejaculação de um micro-organismo vital que durante um tempo conhecido como "a passagem" ficamos envoltos em um líquido nobre, cuja missão é reiniciar a zero nosso plano de ascensão cósmica. Por isso, que quando obtemos a forma física, depois da passagem, somos simplesmente.

O objetivo desta fase é o quanto você acumula de forças com vistas à desorganização. As forças reguladoras daquele holograma impõem ao passageiro a ilusão de que a organização é a máxima para se alcançar a plenitude e, no entanto, sem saber, desorganizam o sistema harmônico natural, inserindo elementos estranhos à composição primal daquela holografia. Lá o conflito entre o ser e o ter é o responsável pelo acúmulo energético que nos remete onde estamos.